

CASSIRER, ERNST. *A Filosofia das Formas Simbólicas - A Linguagem*. Trad. Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 416 p.

A presente resenha refere-se ao primeiro volume da obra *A Filosofia das Formas Simbólicas - A Linguagem*, publicado em 1923 por Ernst Cassirer (1874-1945), um dos mais iminentes representantes da Escola de Marburgo. O segundo volume dessa obra trata da questão do mito e da religião, e o terceiro refere-se ao conhecimento.

Nas suas pesquisas aparece sempre uma tentativa de explicar o homem procurando entendê-lo e interpretá-lo nas suas mais diferentes dimensões. E, seu grande marco foi determinar a importância dos símbolos na cultura humana. Para ele, as formas fundamentais de compreensão do mundo são formações simbólicas que realizam o ser, tais como o mito, a arte, a linguagem, o conhecimento entre outros. E, é do conhecimento profundo de cada uma dessas dimensões simbólicas que se pode dar forma e sentido ao mundo, estruturar seu entendimento, criar mundos de significados e trabalhar a experiência.

Mas, nessa especificação de cada uma destas formas simbólicas, não podemos perder de vista o caráter de unidade, de um todo orgânico, que elas devem abarcar para poder explicar o ser em toda sua complexidade. Cassirer sabe que seu projeto é ambicioso e perigoso neste sentido de trabalhar cada uma destas categorias simbólicas sem perder de vista o aspecto da universalidade, próprio da filosofia.

Então, Ernst Cassirer define o homem como um animal simbólico e não apenas racional, político ou social. Somente como ser

simbólico, inserido num ambiente cultural, o homem é capaz de expressar sua espiritualidade, sua subjetividade, abstrair as relações podendo assim, “entender” seu passado e “prever” seu futuro. O que verdadeiramente caracteriza e diferencia o ser humano em relação às demais espécies vivas, e que o conduz à civilização, só pode ser representado pela variedade e pela riqueza das formas da vida cultural do homem; e estas formas da vida são as formas simbólicas, a saber, o mito, a religião, a arte, a ciência, a história e a linguagem.

Neste volume que trata especificamente da linguagem, Cassirer se propõe um projeto ambicioso e complexo, como ele mesmo destaca, não conseguindo seguir uma orientação filosófica preestabelecida, tendo, ao contrário, buscado uma metodologia própria permanentemente. Isto porque, os filósofos da linguagem, muitas vezes, acabaram por ser reducionistas demais, tratando a linguagem como evento isolado ou independente; outros estabeleceram como ideal metodológico o positivismo e o psicologismo; uns subordinaram o problema da expressão lingüística ao da estética; alguns ainda trataram a lógica, a ética, a estética, a religião como partes independentes, ficando os problemas da linguagem subordinados aos da estética.

Por isso, faz um longo “passeio” pela filosofia, recorrendo às fontes consultadas para justificar-se ou negar sua posição. Parecem ser de grande valia para as pesquisas de Cassirer, os trabalhos em lingüística desenvolvidos por Wilhem von Humboldt, pois é com ele que se tem não apenas a idéia de uma visão realmente universal da linguagem, mas a tentativa de aproximar esse postulado da filosofia idealista a uma realização científica concreta.

Então, Cassirer nos propõe como uma espécie de solução para esse dilema metodológico idealista-empirista, qual seja, “*formular de maneira geral e sistemática as **questões** da investigação lingüística, mas, por outro lado, derivar as **respostas**, caso a caso, da pesquisa empírica. (...) necessário obter uma visão de conjunto tão ampla quanto possível, não apenas dos fenômenos referentes a determinada família lingüística, mas também da estrutura de diferentes famílias lingüísticas,*

acentuadamente divergentes umas das outras no que diz respeito ao seu embasamento lógico.”

Na sua profunda consulta a tão vasta literatura, manteve-se fiel ao seu projeto pois, na medida em que constatava o caráter multifacetado dos fenômenos lingüísticos, também percebia como os fatos individuais e particulares se elucidavam mútua e espontaneamente, e se inseriam num contexto geral e coerente. Cassirer objetiva descrever e demonstrar este contexto e não apenas fazer o estudo dos fenômenos isolados.

Como neo-kantiano, Cassirer trabalha com as categorias universais, mas vai além delas. Para ele, *a priori* há a capacidade de simbolizar, esse é o aspecto universal que caracteriza o ser humano. *A posteriori*, temos a religião, a linguagem, o mito, a arte, o conhecimento como expressões dessa capacidade de simbolizar. Kant concebe as categorias universais *a priori* e fixas; Cassirer vai além, pois entende a cultura como modo que permite uma análise mais complexa para explicar o homem; o mundo do humano instala-se através das formas simbólicas, da interpretação dos fenômenos.

Cada uma destas manifestações contém as suas próprias configurações simbólicas, mas possuem uma origem espiritual de certa forma comum. Não se fundem, nem são derivadas umas das outras, pois cada uma delas, designa uma determinada forma de compreensão, e é nesta e através desta forma de compreensão que se constitui um aspecto particular do real.

Trata-se de caminhos que o espírito segue em direção à sua objetivação, à sua “auto-revelação”. E mais, são múltiplas tentativas de transformar o mundo passivo das impressões em um mundo de “pura expressão espiritual”. Essas formas simbólicas caracterizam-se por nos fornecer os materiais com os quais nós construímos o mundo do “real” e do espiritual, o mundo do Eu.

Então, Cassirer destaca que, o conceito de conhecimento por mais universal e extenso que seja, representa apenas uma particularidade da totalidade das apreensões e interpretações espirituais

do ser. Acaba por submeter a multiplicidade dos fenômenos à unidade do “princípio da razão suficiente”.

O signo fonético, matéria de formação da linguagem, constitui-se em elo entre o subjetivo e o objetivo, como a energia interior que se traduz e se objetiva em algo exterior. O som seria o elemento mediador entre o objeto e o ser humano; a linguagem seria esse elemento entre o homem e a natureza, a fim de elaborar e assimilar o mundo dos objetos.

Cassirer destaca nesta constatação acerca da linguagem proposta por Humboldt, como um fator válido para toda espécie e toda forma de simbolização. E diz: *Em cada signo que ele projeta livremente, o espírito apreende o ‘objeto’ e, ao mesmo tempo, apreende a si mesmo e a própria legalidade que determina a sua atividade formadora de imagens. E é somente esta interpenetração peculiar que prepara o terreno para a determinação mais profunda da subjetividade e da objetividade”.*

A linguagem, o mito, a arte e a ciência são as expressões que formam o ser; não são meras cópias de uma realidade existente mas, ao contrário, contém as linhas gerais do movimento espiritual, de todo processo ideal através do qual, em nós, o real se constitui como pluralidade e unidade, como configurações múltiplas unificadas por meio de uma unidade de significação.

Então, constatamos que Cassirer não só inova ao conceber o homem como animal simbólico, mas também ao trilhar um caminho inusitado, extenso e complexo nas várias criações das formas simbólicas. E mais, entendemos que, o objetivo a que se propõe neste livro que ora resenhamos, é atingido com grande profundidade, pois usando as palavras do próprio Cassirer: *“o ponto de vista fundamental sobre o qual repousa a concepção deste livro: a convicção de que a linguagem, tal como todas as funções básicas do espírito humano, somente encontrará a sua elucidação filosófica dentro de um sistema geral do idealismo filosófico”.*

Daniela Colturato AIDAR
Mestranda em Filosofia - Ética
PUC-Campinas - Bolsista CAPES